



Chefe Osvaldo

JIM, O ESCOTEIRO DO FUTURO.

Aos meus amigos e amigas



No início da minha saga de pseudo escritor de contos escoteiros, escrevia sempre pensando nas grandes aventuras que os jovens que participam poderiam ter. Claro que hoje nem sempre isto é possível, mas quem sabe poderíamos termos muito mais do que hoje dão aos jovens.

Estou condensando uma personagem que quando escrevi achei ser diversão certa para quem participa de tropas Escoteiras e ama grandes histórias escoteiras.

São três histórias de um menino Escoteiro, filho de pais riquíssimos, que quase não paravam no Brasil. Jim foi praticamente criado por sua avó e sua inteligência era extraordinária. Seus pais nada negavam a ele e graças a Deus

resolveu ser Escoteiro e ali encontrou o sonho de aventuras que sempre teve. Espero que divirtam com Jim, O Escoteiro do futuro!

PARTE I

Lendas Escoteiras Jim, um Escoteiro do futuro.

Não há nada mais perigoso do que acreditar que se detém a fórmula que vai continuar sempre conduzindo ao sucesso.

Tom Lambert

Conheci Jim no outono passado. Um menino esperto para sua idade. Olhando poderia dizer que estava com 12 ou 13 anos. Não perguntei. Jim morava na capital do estado, em uma bela mansão e só pelos seguranças na porta, atentei que era de uma família de posse, e que Jim não tinha liberdade de locomoção. Isto era habitual nestas famílias o que tirava muito o alvedrio em suas atividades cotidianas. Jim pertencia ao 847° G. E. Quênia, por sinal um magnífico grupo. Conhecia muitos dos seus chefes e sempre quando a serviço ou de férias indo aquela cidade, não deixava de visitá-los.

Jim era o sub.monitor da patrulha Corvo e todos gostavam e admiração sua figura. Ainda não tivera condições de ser um primeira classe, mas estava caminhando para isto. A patrulha tinha certo receio de Jim. Além de literato mostrava ser douto em quase tudo que constava nos livros escoteiros editados em nosso país. Seu pai, um importante executivo de uma montadora alemã, viajava muito ao exterior e não se esquecia de Jim, comprando todos os livros do gênero que Jim gostava, principalmente de motes escoteiros. Possuía uma bela biblioteca em sua casa. Muitos dos livros escoteiros que estão no grupo, foram doados por Jim.

Desculpem. Não escrevi como Jim era. Estatura mediana para sua idade, magro, cabelos totalmente loiros, olhos azuis e adorava vestir o uniforme

caqui curto, não deixando de lado o chapelão, comprado pelo pai em Londres. Seu chefe de Tropa me garantiu que Jim era um exímio interprete, falava e escrevia corretamente oito idiomas. Surpreendente! Não imaginava. Soube também que era exímio em informática e a dominava com maestria. Podia dizer que poderia dominar qualquer programa ou subjugar o mais famoso hacker ou docente na área. Boa parte do seu tempo vivia enfurnado em seu quarto fazendo estripulias honestas na senda do mundo virtual.

Estava eu uma tarde de sábado a observar o andamento das reuniões na grande área reservada aos escoteiros pelo clube, que era a entidade mantenedora, quando Jim aproximou e pediu que o levasse para casa. Não estava passando bem. Procurei o Chefe do Grupo, que concordou e me avisou que não era a primeira vez. Para não me preocupar.

Cheguei à mansão de Jim, e quando ia me despedir ele insistiu que eu entrasse em sua casa. Tentei recusar, mas ele foi tão enfático que não pude denegar. Avisado os seguranças, entrei em sua casa. Seus pais não estavam, haviam viajado para a Europa na semana anterior. Estava somente sua Avó e uma governanta e por esta fui recebido. Jim pegando em minhas mãos, me levou até seu quarto. Senti-me estranho e meio sem jeito com tudo aquilo. Fui com a sublime missão de satisfazê-lo e retornar em seguida. Não foi o que aconteceu.

Em seu quarto, bem grande por sinal, Jim me contou uma história, que para não desmerecê-lo, ouvi profundamente. O que narrava, para mim eram enigmas inteligíveis. Perguntou-me se tinha lido os volumes escritos por J.J. Benitez, Operação Cavalo de Troia. Claro que conhecia, mas perguntei a ele do que se tratava. Ele contou-me uma historia que sublinhava a perplexidade. Que imaginação tinha aquele menino.

Mas vamos ao relato de Jim. Explicou que após ler os seis volumes, achou que poderia construir uma maquina do tempo, bem melhor do que a escrita por Benitez. Ele tinha um conhecimento que os participantes na época do acontecido não tinham. Possuía hoje uma tecnologia muito superior. Demorou seis meses para construí-la. Usou um pequeno sótão no sitio, ou melhor, dizendo fazenda, onde passava alguns fins de semana. Poucas claro. O escotismo tinha preferência. Quando terminou ficou em dúvida aonde iria pela primeira vez na viagem do tempo. – Quanta fantasia! Pensei. Seria um ótimo novelista no futuro, quando crescesse.

Mas voltemos a Jim e sua história fantástica. Uma das suas manias era de pesquisar e conhecer bem, como teria sido realizado o primeiro

acampamento escoteiro em Brownsea, como foi o convite, suas reações, como era o estilo dos jovens. Tinha o sonho de ver a sua frente Baden Powell em pessoa. Assim programou sua máquina para aquela época, dia e mês do evento. Pesquisou horário e não conseguiu uma cópia exata do uniforme da época.

Conseguiu fazer um uniforme escoteiro inglês (não tinha certeza se estava nos padrões e esqueceu que naquela época todos estavam vestindo civilmente), e embarcou em sua máquina, em um domingo, quando seus pais estavam ausentes. Seu destino era a Ilha de Brownsea, no dia 31 de julho de 1907, às 09 AM. Sabia que BP lá estava desde o dia 29 do mês anterior, mas somente neste chegou os últimos 8 jovens convidados.

A viagem demorou exatos cinco minutos. Sua máquina pousou perto do local, em um matagal. Isto era esperado, pois a ilha era praticamente desabitada. Percorreu mais ou menos 300 metros e avistou a aglomeração de mais de uma dezena de pessoas. Pelos formaturas e as idades dos participantes, tinha certeza que era horário da cerimônia da bandeira e ficou perplexo com o aspecto de BP e dos demais.

Quase não havia jovens pequenos. A história dizia que foram escolhidos e convidados jovens entre 12 e 17 anos. Achou-os bem mais velhos. Estavam conversando entre si e logo um dos acompanhantes de BP que ele calculou ser Sir Percy Everatt chamou a todos e pediu para formarem um semicírculo. Colocaram uma bandeira em um pequeno mastro de madeira com todos cantando o hino inglês. Deus salve a Rainha.

Não teve dúvidas. Aproximou e fez a saudação habitual, dando um sempre alerta em inglês. Um dos adultos que só podia ser o Major Kenneth Mc Larem, companheiro de armas de BP perguntou quem era e ele. Explicou que era escoteiro brasileiro. Deram muitas risadas. Conversou bastante com o major que estava incrédulo com tudo aquilo. Tentou se aproximar de BP, mas não conseguiu. Notou que não tinha mais tempo. Sua máquina lhe dava somente dez minutos e voltaria para o presente. Que pena quanto daria para ter visto as quatro patrulhas, corvo, lobo, maçarico e touros em ação.

Deu adeus e correu em direção à máquina. Entrou e em cinco minutos estava de volta ao presente. Tentou voltar outras vezes, mas a máquina não obedecia. Seu pai ficou zangado quando a descobriu. Mandou alguns empregados desmontá-la e nem perguntou sua utilidade. Fiquei ali olhando para Jim. Estava preocupado com a imaginação fértil do menino. Seus pais deveriam preocupar-se mais no seu desenvolvimento. Naquele momento me

preocupou a fantasia de Jim. Prometi a mim mesmo que quando retornasse ao grupo de Jim, falaria com o Chefe do Grupo.

Na saída, Jim me presenteou com um CD, disse que era de uma grande atividade que tinha participado. Coloquei no bolso do paletó e após agradecer ao seu convite, cumprimentei a Avó que estava na sala (me ignorou completamente) e parti. No retorno a minha cidade nem pensei mais no assunto. Estava muito cansado e logo ao chegar a minha casa dormi o sonho dos anjos. Acordei cedo e voltei às lides profissional. Retornei lá pelas tantas, tomei um banho e antes de dormir lembrei-me do CD de Jim.

Coloquei no aparelho, e quando apareceu às primeiras imagens quase caí da poltrona. Impossível! Jim tinha filmado todo o tempo que passou em Brownsea. Ali vi perfeitamente BP, o Major, Sir Percy e os demais escoteiros. Fiquei apalermado! Assustado mesmo! Ou para não dizer, pelas barbas do Profeta! – Na tevê com nítida imagem não podia haver qualquer montagem.

Afinal o que era o menino Jim? Um super dotado, um hacker inigualado? Um cientista promissor? Enfim, não podia contar esta historia para ninguém. Guardei o CD e nunca o mostrei para amigos ou colegas escotistas. Era meu dever ficar calado para não ser chamado de tolo!

(Aguardem para breve, outras aventuras de Jim, o escoteiro do futuro!).

Quem estuda e não pratica o que aprendeu é como o homem que lavra e não semeia.

Provérbio árabe

PARTE II

Jim, o escoteiro do futuro em As Minas do Escaravelho Negro.

Capítulo I

Vocês já conhecem Jim, o escoteiro do futuro. Como disse antes tem entre 12 ou 13 anos. No conto I ele afirmou ter construído uma máquina do futuro e voltou ao passado, exatamente no início do primeiro acampamento realizado em Brownsea por BP em 1911. Fantástico não? Mas o inacreditável foi que Jim me presenteou com um CD, onde gravou sua viagem. Não sei o que dizer, sinceramente!

Sempre que vou à capital visito o Grupo Escoteiro do Jim. Gosto deles. São todos excelentes amigos e diferente de muitos. Quando chego me enchem de mimos, abraços, apertos de mão e não faltam convites para lanches, chope, uma noite em casa de alguém enfim, apesar de estarem em um bairro nobre da cidade, mostram uma fraternidade inigualável.

Ontem mesmo lá estive. Revi amigos, trocamos idéias, e claro, lá estava Jim, o escoteiro fantasioso e que em seu imaginário idealiza fábulas inexplicáveis, como se fosse um contista do futuro. Jim era único. Na patrulha Corvo era benquisto e sempre muito solicitado nas intrínsecas atividades do dia a dia da patrulha e do grupo. Super dotado intelectualmente, falava corretamente oito idiomas. De família classe alta, considerava o movimento escoteiro seu habitat natural.

Mas já fizemos a apresentação de Jim em nossa historiola anterior. Assim vamos aos “entretantos” e aos “finalmente”. Ouvi dele próprio. Uma historia burlesca e que nunca poderia ser cômica se não fosse pela criatividade, tão simétrica como Jim, com seu sorriso franco, em afirmar sempre que o Escoteiro tem uma só palavra, tem honra e tem caráter. Enfim, adjetivos que não esclarecem a veracidade da narrativa.

Como todos os Grupos Escoteiros, nos meses de férias escolares são interrompidos as atividades escoteiras. Salvo para cumprir programas montados anteriormente, sejam acampamentos, grandes excursões ou mesmo um Ajuri, Camporee, Encontro Nacional de Patrulhas, ou quem sabe um Jamboree. Fora isto, os jovens seguem seus pais em férias e só se ouvem falar deles no inicio das atividades com datas semelhantes com a do colégio.

Jim padecia com tais ociosidades. Seus pais viviam viajando. Poucos ligavam para ele. Poderia se quisesse fazer seu próprio programa. Seu benfeitor sempre colocou a sua disposição um veículo com motorista e era freqüente ter consigo um guarda costa. Poderia ir para onde almejasse. O escotismo sempre foi uma taboa de salvação para Jim. Lá ele se encontrava. Eram afáveis com ele. O tratavam como igual. Ninguém preocupava se era rico ou pobre, se falava diversos idiomas ou se sabia todas as respostas. Isto não era

importante para eles. Este fato alimentava seu amor que dia a dia crescia pelo Escotismo.

Assim abominava as férias. Ficar longe dos amigos escoteiros, das atividades e dos acampamentos aborrecia e muito a Jim. Permanecia em sua casa, uma monumental mansão, com mais de quinze quartos, um sem número de empregados, uma governanta dominadora e sua Avó que pouco ligava. Subia escadas, ligava o PC, descia escadas, levava uma barraca até o jardim, usava de mil formas para armar em 2 minutos, enfim, uma rotina entediante.

Quando dava na telha, ia ao sítio, uma verdadeira fazenda próxima a capital. Lá tinha seu canto preferido, um pequeno porão, escondido nos fundos da cocheira. Não era um porão qualquer. Quem como eu que conhecia sabia que existia uma parafernália de computadores, peças, ferramentas, onde montava seus inventos, ou curtia um bom papo com vários escoteiros de uma centena de países. Mesmo assim a rotina retornava. Para ele era uma usança tediosa.

Numa noite, Jim foi dormir bem na madrugada. Seus pensamentos voaram por plagas nunca antes imaginadas. Reviveu muitas das suas aventuras escoteiras. Do ralar de sua Akelá tão amada, só porque com a matilha saiam a convidar outros meninos dizendo que a alcatéia estava distribuindo chocolates. Claro não era verdade, mas conseguiam atrair múltiplos jovens ao movimento. Jim sempre pagava para eles uma guloseima qualquer na bomboniere perto da sede.

Não esquecia nunca o sorriso maroto do chefe da tropa, e até da reunião feita entre o Chefe do Grupo e seus pais, quando levou uma patrulha ao cemitério para uma prova de coragem. Afinal do que seria o escotismo sem uma pitada de criatividade? Claro, foi bem planejada, foram bem camuflados, mas com o uniforme escoteiro por baixo. Não deram sorte, pois o administrador da necrópole viu e chamou a polícia. O uniforme serviu de prova e como disse Jim, um escoteiro se apresenta como tal, e quem foi lá deveria se portar como um escoteiro. Interessante que a tal prova de coragem significava ficar sentado em um banquinho, dentro de um mausoléu por hora e meia, entre onze e três da madrugada.

Foram duas noites. Eram sete na patrulha e um dia só não dava. No segundo dia foram descobertos. Daí os atropelos, da polícia, dos pais, da reunião de chefes. Claro, dentro do grupo a traquinagem era aceita de maneira disfarçada, pois mostrava inventividade e argúcia, um dos princípios básicos do fazer fazendo até ver o erro. Jim sorria de suas recordações.

Lembrou também de outra atividade com a patrulha em um cinema. Sempre diziam que deviam fazer marketing do que é e o que fazem os escoteiros. Assim planejaram com Jim transmitir uns CDs em um cinema, onde passava um filme famoso que atraía centenas de cinéfilos. Como passar os CDs é que precisavam de uma boa dose de inventividade.

Jim deu a idéia. Eles comprariam em uma tabacaria uma boa quantidade de rapé, quando o cinema estivesse cheio, eles jogariam o rapé dentro da sala de operação e o operador teria que sair até ao banheiro. Com mascaras entrariam e com a porta trancada passariam os CDs já previamente gravados com atividades escoteiras. Jim fez uma abertura no cd que ultrapassava em muito as grandes criações do cinema.

O plano deu certo. Conseguiram passar todo o relato apresentado nos CDs. Parece que a gerencia não aderiu ao plano. De novo a policia, de novo os pais de novo a reunião de chefes. O pior é que foi assunto em toda a imprensa. A Direção Nacional quis saber de tudo. Sempre os adultos com aqueles aconselhamentos que nunca mostravam uma pitada de aventura.

Jim não esquecia a hilariante invenção sua de uma imagem tridimensional e com a patrulha a levaram até a Câmara de Vereadores. Quando todos estavam reunidos, Jim com uma gravação já feita lançava a imagem próxima a púlpito e os vereadores atônitos viam e ouviam sobre o Grande Movimento Escoteiro e de Baden Powell seu fundador. A idéia era levar a imagem a um programa de auditório de uma grande rede de televisão, mas precisava ser antes testada. Até que valeu. A imprensa deu uma pequena ajuda.

Uma atrás da outra as recordações volitavam na mente de Jim. Ficou assim horas e horas. Sabia que seu pai se divertia com ele. Não dizia, mas apoiava. Talvez pela sua ausência. Quem sabe por que não teve esta oportunidade quando criança e sabia o quanto valia estas aventuras e criatividade para as fantasias de um infante. Acho que foi por isto que ele o matriculou no Grupo Escoteiro. Quem sabe ali teria tudo àquilo que não teve.

Pensando, refletindo, buscando no passado o sonho do presente, Jim dormiu. Bem tarde como disse. Dormiu até às duas da tarde. A governanta preocupada foi ao seu quarto e o acordou. Jim levantou sorrindo. Tomou banho, almoçou e foi até o jardim, onde embaixo de uma algodoeira em flor sentou-se na grama e sua imaginação começou a laborar uma aventura formidável.

Lembrou quando seu pai o levou até uma das fazendas que possuía em Mato Grosso. Tinha outras em Minas, Goiás e Paraná. A primeira, bem ao norte,

fazendo fronteira com a Venezuela. Como era grande. Eram tantos bois que se perdiam de vista. Outro campo enorme com uma plantação de soja. O administrador logo ficou seu amigo. A cavalo ou motorizado, ambos “fuçavam” aqui e ali na labuta diária.

Jim se divertiu a beça. Andou e dirigiu diversos tratores de esteira, de pneus, aprendeu a manobrar um D-12 Caterpillar com maestria e nos primeiros dias foi uma descoberta. Andava as tarde léguas e léguas a cavalo. Quando resolveu fazer isto sozinho se assustaram. Jim nada disse. Um belo dia saiu no seu “campeio” diário e colocou todos os funcionários em polvorosa. Ligaram para seu pai. Ele disse para não preocuparem. Jim sabia o que estava fazendo.

Claro, Jim era escoteiro de segunda classe e não se apertava. Não se separava nunca da sua velha “Silva” de guerra (bussola). Sabia onde estava e onde deveria ir. Foi então que avistou em meio da floresta uma grande fenda, com crateras enormes. Em redor, grutas e mais grutas. Apeou do cavalo, amarrou o mesmo em uma árvore e se aproximou. Levou algum tempo para descer até uma parte da cratera. Viu um grande lago e logo se aproximou de uma das grutas. Não deu para chegar perto. Precisa de cordas. Era enorme, com estalactites e tudo. Jim ficou fascinado. Sabia que um dia isto iria acontecer. Agora só, sem equipamentos e sabendo que os outros desconheciam onde estava se deteve e voltou à fazenda. Ficou o dia inteiro pensando em entrar nas grutas.

Perguntou ao administrador o que se tratava. Soube que antes do pai adquirir a fazenda, uma empresa de exploração de minérios ali esteve. Acreditavam que lá haveria uma mina de bauxita em grandes proporções. Mas quando atingiram as grutas, mais de 50 metros abaixo do solo desistiram. Não era viável. Seu pai comprou e ninguém mais lá esteve. Jim sempre sonhou em explorar uma gruta ou mesmo uma caverna nunca visitada pelo homem. Era um sonho e quem sabe poderia se tornar realidade. Porque não aproveitar as férias e ir até a fazenda do se pai? Seria uma apoteose no seu currículo. Era só planejar e uma parte do seu sonho seria realizado.

Não pretendia fazer isto sozinho. Precisava de amigos. Carecia da patrulha. Os corvos eram bom em tudo que faziam. Nunca disseram não a uma boa aventura. Eram destemidos, audaciosos e intrépidos. Sempre que planejavam a tarefa era cumprida. Se conseguisse a ajuda deles seu plano teria um final bombástico. Mas antes do convite, detalhou um plano com pormenores e como realizá-lo. A fazenda não ficava ali e sim a mais de 1.500 quilômetros isto até Cuiabá, pois alem teriam que viajar na rodovia Cuiabá-

Santarém mais 233 quilômetros. Era uma jornada e tanto. Quando ia com seu pai, o jatinho levava pouco menos de três horas. Agora não. Não tinha jatinho.

Ligou para seu pai. Sabia que estava em Bremen na Alemanha. Não teve dificuldade em falar com ele. Depois das trocas saudosas de pai e filho distantes entrou no assunto. Seu pai autorizou que o motorista que o servia o levasse até a fazenda em Mato Grosso. Só pediu para levar junto um segurança. As despesas ele podia usar o cartão de crédito e gastasse o que fosse necessário. Para isto seria aumentado o crédito a favor.

Perfeito! Meio caminho andado. Pesquisou na internet quais os equipamentos necessários. Copiou a lista e durante uma semana percorreu as lojas especializadas. Não podia usar muito espaço no veículo. Precisava levar pelo menos 5 escoteiros com ele. Resolveu que o utilitário da fazenda também iria. Seu segurança seria o motorista.

A constância é contrária à natureza, contrária à vida. As únicas pessoas completamente constantes são os mortos.

Aldous Huxley

Capítulo II

Tudo pronto, agora era fazer os convites. Nada de telefones. Com o motorista foi em casa de cada um. O monitor tinha viajado com os pais. Não iria. Sobravam sete. O sub não viajou e nem ia viajar. Conversou com seus pais. Explicou. Se quisessem seu pai podia telefonar para eles. Só não entrou em detalhes da aventura que irão fazer. Concordaram.

Com o intendente da patrulha também teve a permissão dos pais. Ele estranhou que confiassem tanto assim nele. O próximo o bombeiro/lenhador tinha viajado. Mais um fora do mapa. O Construtor estava em casa. Foi muito difícil convencer seus pais. Liguei para o meu e ambos se comunicaram. Mais um na aventura. Faltavam ainda o socorrista e o escriba. Ambos viajando. Seríamos, portanto quatro. Não era um bom número, mas dava para montar uma aventura incomparável. Todos ficaram cientes do que

deviam levar como tralha. Não esquecer dois uniformes de campo completo. Os demais itens eram do conhecimento de todos. A saída seria dia 11 de janeiro e eu passaria em casa de cada um pessoalmente entre 06 e 08 horas.

Agora era esperar o grande dia, seria uma grande viagem que pelos seus cálculos terminaria dois dias depois. Não pretendiam viajar a noite. Traçou um roteiro onde dormiriam em um hotel beira de estrada. O administrador fora alertado para preparar a Casa Grande, pois iria receber além de Jim, mais 3 jovens. Os dois motoristas ficariam na Casa de Hóspede. Foi um grande dia a saída. O motorista era consciencioso, nada de correrias. Velocidade não era o seu forte. Muito bom. Pararam para almoçar e comeram um peixe delicioso. Às 8 da noite encontraram o hotel de pernoite. Já haviam percorrido quase a metade do caminho. Antes de dormir ficaram checando o programa, pois pretendiam ficar nas grutas, três dias seguidos sem emergir de lá!

No dia seguinte, pé na estrada. O bom humor era uma presença constante. Piadas, repassaram todas as canções escoteiras que conheciam, lembraram-se de aventuras anteriores e ficaram macambúzios com a falta dos demais membros da patrulha. Próximo à divisa com o estado de Rondônia e quase fronteira com a Bolívia, eles entraram em uma estrada vicinal, de terra, das piores possíveis. Só as 19 h chegaram à entrada da fazenda.

Da porteira até a sede, mais 12 quilômetros. Para quem percorreu mais de 1800 era café pequeno. A área onde ficava os galpões, a casa de máquinas e a Casa Grande estavam todas iluminadas. Quando esteve lá na última vez, um gerador a óleo diesel fornecia a iluminação. Esta só à noite e desligada antes das 23 h. Agora não. A fazenda recebia eletricidade diretamente da Cia Energética e sem interrupção.

Cansados, dormiram logo. Acordaram com o canto do galo. A expectativa estava agora a florando a pele. Sabiam pelo programa que fizeram que somente no dia seguinte iriam para o local planejado. Jim os levou para uma volta a fazenda. Com um trator pequeno de pneu, colocou uma pequena vagonete e foram até a curralama, ao Rio Araguaia, conheceram parte do rebanho de gado, visitaram a casa de inseminação e só depois do almoço continuaram. Ficaram abismados com a plantação de soja. Perdia de vista. Chegaram próximo a grande floresta amazônica e pela primeira vez tomaram contato com ela. Tomaram banho em um regato cheio de corredeiras com águas límpidas e muito frias.

No segundo dia, dormiram como anjos. Claro, acordando sempre com o cantar do galo. Depois do café, verificaram toda a tralha, os equipamentos,

todos eles emborcados na mochila. O administrador os levou até próximo às crateras, pois dali em diante só a pé ou a cavalo. Claro, fez todas as recomendações possíveis, pois não aceitaram a ida de um adulto com eles. Achava um absurdo o pai de Jim autorizar tamanha sandice, e que ele reprovou desde que soube pela primeira vez.

Enfim, patrão é patrão. Ficaria de olho e diariamente daria uma volta próximo ao local para sentir se havia ou não necessidade de intervir. Jim disse que somente na sexta feira estariam de volta. Não haveria horários fixos. Acreditava que até as 18 h estavam de volta. Pedia para manter de plantão próximo o vagão para o retorno. O jogo já começou guerra ou a aventura já começou. Lá estavam eles, equipados com suas mochilas e muitas outras tralhas, a observarem toda a extensão da cratera e o grande lago que no fundo se formava.

Começaram a descida. A principio sem ajuda de cordas. Quando se aproximaram da gruta escolhida, foi necessário usar uma corda de meia polegada para descer. Demorou, pois as mochilas foram arriadas em separado. A entrada da gruta era espetacular. Parecia um grande salão arredondado sem outras entradas ou cavernas visíveis. Exploraram toda a área. Encontraram uma pequena fenda e ligaram suas lanternas presas ao capacete. Jim tinha comprado um modelo especial e mais moderno, tipo “magic click” com duas lâmpadas de alta potencia. Levavam lâmpadas de reservas. Estavam uniformizados.

A fenda mal cabia um deles. Jim foi o primeiro entrar. Gritou para os demais prosseguirem, pois havia um caminho perfeito para continuarem a exploração. Era uma espécie de mina, descendo a mais ou menos 45° e sempre em linha reta. Andaram uma hora e pararam. A descida era muito irregular. Seguiram novamente. Logo ouviram um barulho enorme, devia ser alguma cascata ou pequena cachoeira subterrânea.

A perspectiva da aventura fazia esquecer o medo. Eles não sabiam o que era fraqueza ou temor. Sentiam o sangue pulsar. A sede da descoberta a florava a pele. Chegaram a uma pequena abertura onde avistaram o riacho, não era fundo, pois enxergavam as pedras abaixo. Sem tirar as roupas ou tênis seguiram dentro do riacho por uns bons vinte minutos.

Outro salão, desta vez maior. Ali descansaram e fizeram um lanche. Haviam levado quatro rações (refeições rápidas) e intendência para 3 dias. Se precisassem cozinhar não haveria problema. Claro a falta de lenha seria substituída por um pequeno fogareiro a gás que deveria durar mais de 6 h

conforme o fabricante. A água não era problema. Jim sabia das nascentes subterrâneas e claro ainda levavam seus cantis.

Um dos escoteiros pediu silêncio. Dizia ter ouvido um ruído. Ficaram quietos e nada. Jim nesta hora deu uma pequena pausa em sua narração. Era único. Perfeito na sua maneira de falar e agir. Achei que sua mente fértil precisava descansar para uma maior inventividade em sua história. Eu gostava de ouvir o Jim. Poderia ficar horas e horas com ele. Narrava fazendo gesto, em pé, sentado enfim a gesticulação era freqüente.

Logo retornou ao fio da meada. Como os demais nada ouviram seguiram em frente em outra abertura a uns 50 metros abaixo. Agora podiam caminhar juntos. Um barulho de asas entrecortou a escuridão, aclarada pela luz de suas lanternas. Ficaram quietos e aguardaram. Nada mais ouviram. Devia ser morcegos. Só se for morcegos gigantes disse um escoteiro. Jim não se preocupou.

Caminharam novamente por duas horas. Jim olhou seu relógio, marcava 17 h. Viu que andaram bastante naquele dia. Achava que podiam seguir até as 20 h onde parariam para um jantar quente e uma noite de sono. Agora a mina se transformava numa imensa caverna. Maravilhosa por sinal. Surpresos viram uma luz tênue, mostrando ao fundo uma espécie de lanterna fulgurante de cor púrpura. Apagaram suas lanternas dos capacetes. Dava para ver o suficiente para andar e ver a distancia.

Não andaram muito. Diversos pássaros enormes, alguns voando outros parados sobre as pedras os observavam. Ficaram estáticos. E agora? Seriam perigosos? Seus aspectos não demonstravam ameaça. Seguiram em frente os pássaros nada fizeram a não ser piar um som desconhecido para Jim. A surpresa foi agora maior. Um gnomo de proporções até maiores do que a lenda conta um pouco diferentes daqueles que aparecem em desenhos antigos. Estava diante deles, apareceu assim como um fantasma a formar um corpo e a sorrir de forma desafiadora.

Logo apareceram outros cinco. Um deles, falando um dialeto que Jim logo soube ser zulu (tinha que ser a imaginação de Jim era fora do normal) pediu para segui-los. Jim conhecia bem o idioma. Sabia que BP aprendeu e ele também não ficaria atrás. Jim falou para os outros não terem medo. Traduziu o que entendeu como uma missão de paz e para tranquilizá-los mais, foi até o que devia ser o chefe e o cumprimentou com a mão esquerda. O gnomo nada entendeu. Sorriu de novo e fez um sinal para segui-lo. Foram com eles. Agora era um caminho cheio de nevoeiros, mas que dava para ver o passo seguinte.

Andaram bem umas duas horas. Pelo cálculo de Jim, já devia passar de 21 horas. Mas o cansaço ainda não havia se externado neles. A curiosidade era maior que tudo. Todos da patrulha Corvo sabiam disto. Medo não era uma palavra usada na patrulha. A sede de aventuras era uma realidade. Mas sempre realizada com astúcia, inteligência e sagacidade. A responsabilidade era fato na patrulha.

Finalmente chegaram a uma sala de tamanho desproporcional, separadas por pequenos arbustos, tipo “hibiscos” (não sei como nasceram ali). Foram introduzidos em um local em que existia várias pedras formando pequenos bancos, algumas em círculos outras espalhadas de forma longitudinal. Sentaram em algumas delas e aguardaram. Não demorou muito e viram aproximando um Gnomo bem velho, com um cavanhaque branco e comprido e ao lado, à frente e atrás, centenas de escaravelhos negros, insetos não muito agradáveis e adorados pelos Egípcios. Eram um pouco parecidos com aqueles de um filme que assistiram (A Múmia). Mas bem maiores aproximadamente 05 a 10 centímetros de altura.

O Gnomo chefe levantou uma mão rente à cabeça e com um sinal pediu para aproximarem. Jim estava desconfiado. A perspectiva de desvendar tudo aquilo sobrepujava a razão. Achearam todos. Foi então que observaram que a voz do Gnomo agora falava em português. Interessante que ele não abria a boca e o som vinha de dentro de cada um. Só podia estar ligado à mente de todos. Como fazia isto, deveras não sabiam.

Antes de iniciar, viram que em volta centenas ou milhares de gnomos se acercaram. Não os tinham visto chegarem. Não fizeram barulho e para dizer a verdade, disse Jim, parece que se materializaram no local. Estranhamos. Mas até o momento não nos fizeram mal. Se quisessem poderiam ter agido antes.

A esperança, enganadora como é, serve, contudo para nos levar ao fim da vida pelos caminhos mais agradáveis.

François La Rochefoucauld

Capítulo III

Durante todo este período, os escaravelhos ficaram mudos e paralisados. Mas todos, sem exceções mantinham os olhos diretamente nos quatro escoteiros que invadiram o espaço de outra metrópole, desconhecida e olvidada por aqueles jovens. Jim nunca leu nada a respeito. Tampouco poderia imaginar algum assim. Pensou que poderia ser uma alienação, produzida pela descida, pelo ambiente enfim por qualquer coisa.

Mas se fosse como poderia os quatros estar sintonizados na mesma frequência?

Impossível é claro. Jim pensava e meditava como explicar o fenômeno. Mas o Velho Gnomo, com sua voz metálica, mas simpática, estava transmitido a todos suas observações de tudo aquilo. Dizia o Velho Gnomo: (palavras de Jim) - Nunca pensamos receber a visita de vocês. Achávamos que aqui não nos achariam. Depois que suas máquinas perfuram a terra acima de nossa morada, ficamos em dúvida. Pensamos em fechar todas as entradas, mas nosso mestre do universo disse para não fazermos. Ele disse que não nos preocupássemos. Com a rotação da terra e dentro de poucos anos, seríamos transferidos para outra dimensão e lá estaríamos salvo de vocês humanos.

Jim já intrigado mais encafifado ficou. O velho Gnomo continuou – Mas vocês chegaram. São jovens, não oferecem perigo. Vou consultar o mestre se deixamos vocês partirem ou se deverão ficar aqui para sempre! - Isto não estava no programa. Jim não pretendia ficar ali. Tinha que fazer alguma coisa, mas logo que pensou seu pensamento foi captado pelo velho Gnomo. Foi neste período que Jim e os demais fizeram uma viagem das mais misteriosas. Tudo aconteceu em segundos, mas parecia ter passados anos e anos. Estavam viajando pelo universo em uma velocidade espantosa. Foram plantados em um planeta cor púrpura. Espetacular mesmo. Jardins imensos, flores e todas elas azuladas ou purpurina.

Não avistaram casas, ruas nada. Só viram bosques imensos, grandes lagos de beleza indescritível. Milhares e milhares de Gnomos passeando e os escaravelhos juntos, como se tivessem o mesmo pensamento e a mesma forma de agir. Andaram aqui e ali, ou melhor, ali não se andava. Volitava. Sim, isto mesmo, estavam acima do chão, e pareciam ter asas. Um Gnomo disse a eles que ali habitavam e todos eram como irmãos. Não havia crimes nada que transgredisse a paz. O amor era tudo que conheciam. Não precisavam dormir alimentar, não precisavam de vestimenta, só os estudos transcendentais, espirituais e o trabalho do amor os satisfazia plenamente. Jim e os demais estavam fascinados!

Tinham os Kikalões (escaravelhos) como companhia. Eles os ajudavam em tudo. Nos serviços mais pesados e difíceis. Um pouco diferente dos animais domésticos da terra. Eram como se fossem irmãos, mas precisavam de alguns anos ou talvez milhares e milhares de anos para se aprimorarem mais. Claro que vocês não entendem o que significa anos. Para nós um ano é uma hora, ou pode ser um minuto. Depende do nosso crescimento no amor, na bondade.

Na terra sempre precisaram de nós os Ayesiwes, (nome do planeta). Estamos há anos luz de distancia de vocês, mas nosso transporte telepático se faz em questão de segundos. Não só lá como em vários outros planetas recebem nossa ajuda. Conhecemos o fundador de sua seita, ele era um “mwyrta”, espécie de mentor de uma raça menor, mas superior as suas. Este era o motivo de lá estarmos com uma expedição de ajuda. Sempre levamos o amor como arma. Nosso maior instrumento de guerra é a paz. Sua terra disse está passando por uma fase muito difícil. Catástrofes, guerras, falta de fraternidade, de amor. Assim lá estamos sempre sintonizados com o bem. Este é o motivo de fazermos lá uma morada.

O passeio se evaporou como um passe de mágica. Estavam de volta a gruta e Jim começou a ficar com medo. Isto nunca aconteceu. Tudo que pensava o velho Gnomo ouvia. Falaram de amor, de paz, mas será que podiam confiar? Não podia pensar. Eles sabiam de tudo o que pensavam. Ele de surpresa, falou para o velho Gnomo – Não precisam ter nenhum receio de nós. Não faremos nada. Nossos pais e amigos sempre alegaram que temos a imaginação fértil e nunca acreditam em nós. Afiançamos e para isto damos nossa palavra de escoteiro que o que houve aqui nunca será relatado. Acreditem em nós, somos escoteiros. Temos palavra, temos honra!

Parece que Jim falou muito alto e isto prejudicou muito a conversa. O velho Gnomo estremeceu e pediu a Jim que falasse só em pensamento. Era difícil para eles, não estavam acostumados. Claro tudo que pensavam estava sendo transmitido a todos os Gnomos ali presentes.

Jim notou que os escaravelhos começaram a fazer um círculo em volta de cada um. Isto o preocupou. O Velho Gnomo os tranqüilizou. – Jovens, os Kikalões são de paz. Se nada fizerem de mal, eles também não o farão. Jim contou que um dos escaravelhos ou Kikalões parecia estar dentro dele, sorrindo enigmaticamente. Caramba! Que bichos interessantes pensou Jim. Se pudesse levar um para casa para estudá-lo seria curioso tentar um relacionamento. O Velho Gnomo disse a Jim que não era possível.

É, pensava Jim, estou pensando e eles ouvindo. Como fazer para não pensar. Falou para todos os escoteiros ficarem recitando em pensamento, as dez leis escoteiras. Terminando e começando. Deste modo eles não leriam mais os seus pensamentos. Jim achou que valeu. O velho Gnomo sorriu, fez uma espécie de saudação, fechou os olhos e todos desapareceram. Os escaravelhos começaram a fazer um círculo em volta dos quatro e ali permaneceram por mais de seis horas. Viram que não havia mais sinais de gnomos. Pensou no velho Gnomo e não obteve resposta. Estavam a mais de 18 h acordados.

Claro, que o cansaço tomou conta de todos. Logo colocaram suas lonas de dormir no chão e apagaram por completo. Jim disse que não soube o que houve neste período. Acordaram e nada viram. Os gnomos, os escaravelhos haviam desaparecido. Ficaram perplexo com tudo. Perguntaram entre si se foi um sonho. Não sabiam responder. Resolveram retornar. Viram que era tarde de quinta e na sexta tinham prometido estar de volta. Sabiam que o retorno seria demorado. A subida, as pedras, as corredeiras tudo iria dificultar um melhor rendimento. Arrumaram suas tralhas e deixaram para fazer uma refeição quente longe dali.

Voltaram taciturnos, sempre pensando em tudo, duvidando da realidade e agora sabiam que eram a maior ou se não a grande aventura de suas vidas. Lembravam-se de sua promessa ao velho Gnomo. Afinal tinham palavra. Nada podiam dizer. Pararam em uma caverna de tamanho médio, e fizeram uma sopa, e comeram com gosto. Até então só lanches frios. Dormiram por cinco horas. Acordaram e retornaram a subida.

Na sexta, aproximadamente às quinze horas chegaram a Gruta da entrada, galgaram sem dificuldade as saliências e subiram na cratera com facilidade. Não avistaram ninguém. Também não viram o vagão que Jim tinha solicitado. Olharam para a entrada da gruta para dizer adeus. Impossível! Lá estavam milhares de gnomos e não sei quantos escaravelhos a sorrir e acenar um adeus diferente dos nossos. Bateram palmas. Era real. Um barulho surdo se ouviu e uma nuvem de pó cobriu a entrada da caverna. Quando se dissipou, não havia mais gruta e nem caverna. Só uma parede de pedra como se nunca existisse ali uma abertura.

Viram o administrador se aproximando. Acharam que nunca mais nenhum ser humano iria entrar ali. Não havia mais grutas. Eles os gnomos e os escaravelhos, ou melhor, os Kikalões do planeta Ayesiwes nunca seriam descobertos ou importunados. Sorriam entre si. A história dos Corvos agora era outra. Participaram da aventuras de suas vidas.

“qui, que quod, com o Corvo ninguém pode. Arka, uenka, lelenka, atenta! Atenta!” sou um corvo, agüenta! – Assim deram o grito da patrulha, para que ali naquelas plagas distantes, onde começa outra nação, saibam que a Patrulha Corvo estivera presente, e nunca em tempo algum tivera receio ou temor. Tinham aversão por medrosos. O administrador não entendeu nada. Pudera Nunca fora escoteiro, não sabia como ter o “Espírito dentro de nós”. Como dizia a velha canção escoteira: De BP trago o espírito, sempre na mente! Sempre na mente, sempre na mente! - De BP trago o espírito junto de mim e no meu coração estará!

Voltaram à fazenda. À noite, fizeram uma pequena fogueira. Em volta dela cantaram. Um escoteiro imitou o velho Gnomo. Riram a valer. Outro imitou o andar do Kikalões. Agora só faltava imaginar uma dança, para nunca mais, nunca mais mesmo esquecerem-se daquele magnífico povo de gnomos e Kikalões e daquele planeta – Ayesiwes! Onde o amor era tudo o que conheciam.

No sábado retornamos. Dormimos boa parte da viagem. Eu voltei as minhas lides da rotina infernal, aguardando ansioso o retorno às aulas e as minhas atividades escoteiras – dizia Jim. Estava sentados em um degrau da entrada do pátio, onde se realizava as reuniões, eu o Jim e mais três escoteiros da patrulha Corvo. Anoitecia. Não sabia o que falar. Era mentira? Uma história inventada e falsa? Ou era um fato verdadeiro. Não sabia. Jim sempre me surpreendia. Riu a olhar para mim, e pegou sua sacola tirou de Lá um CD e me presenteou. Sabia o que seria. Jim novamente filmou tudo.

Pensei que com sua inteligência e seus conhecimentos de computação e informática, Jim poderia quem sabe montar através de programas criado por ele toda aquela história, frutos de sua imaginação, mas a dúvida me assaltava. Sempre me abordava aquele sentimento. Mas ao ver novamente o filme da aventura de Jim e seus amigos da patrulha não havia como duvidar.

Ali materializado na TV, as imagens eram nítidas sem nenhuma mostra de falsificação. Perguntei para Jim se ele comentou com outros. Claro ele disse, aqui somos todos irmãos escoteiros e o velho Gnomo sabe que o que aqui se diz aqui se fica. Em sonhos ainda tenho contato com ele. Conversamos muito. Ele muito me orienta e manda recados para os outros da patrulha que estiveram em visita ao seu lar.

É..., Jim é impagável. Extraordinário melhor dizendo. Aqui conto suas histórias, suas aventuras, suas criações ficcionistas por autorização dele. Sabe que todos que irão ler acreditarão ser histórias sem h. Nunca aconteceram. São frutos da imaginação do escritor. Que assim seja.

Até outra aventura de Jim. O Escoteiro do Futuro!

Se não existe vida fora da Terra, então o universo é um grande desperdício de espaço.

Carl Sagan

PARTE III

Jim o Escoteiro do futuro e a lenda do diamante sinistro.

Um professor nos perguntou, se alguém sabia dizer quais eram os nomes dos continentes. Eu fiquei muito excitada! Eu pensei, Nossa! É meu primeiro dia no colegial, sou uma estudante do segundo grau e eu sei a resposta! Então eu levantei a mão, fui a primeira e disse: A-E-I-O-U!

Capítulo I



Por um capricho do destino, fui designado pela minha empresa, para a montagem de uma usina de beneficiamento de leite, próximo à cidade onde ficava o Grupo Escoteiro do Jim, o amigo que fiz há tempos. Não me lembro bem de quando tudo começou, mas Jim era uma surpresa. Inteligentíssimo! Com seus 13 anos falava e escrevia oito idiomas. Seus pais eram possuidores de excelentes condições financeiras. Moravam em uma mansão, mas quase não ficavam junto a Jim.

Viajavam sempre para a Europa e Estados Unidos e Jim ficava aos cuidados de sua Avó Materna.

Jim tinha tudo que queria. Um gordo cartão de crédito e até poderia abusar de sua liberdade. Se isto não acontecia é porque o escotismo lhe deu normas de conduta que ele observava dentro dos princípios éticos, da lei e promessa escoteira. Jim tinha o escotismo no coração e só não terminava as etapas em meses porque cada uma dela tinha um tempo determinado. E claro, nem esse era seu objetivo. A patrulha significava muito para Jim.

Quando o conheci, ele me contou historias fantásticas. Fiquei incrédulo. Em uma delas inventou uma máquina do tempo e voltou ao ano que BP fez seu primeiro acampamento em Browsea. Ri, e ele pegou um DVD e me deu para assistir. Quase caí da cadeira. Ele filmou tudo. Alguns meses depois, encontrei Jim novamente, desta vez me veio com uma historia de uma enorme gruta em uma fazenda do seu pai no Mato Grosso. Lá junto com mais três escoteiros de sua patrulha, desceram até o centro da terra onde encontraram gnomos de uma galáxia distante e escaravelhos negros. Jim era mesmo um Escoteiro prodígio e de uma mente fértil.

Jim pertencia ao 847º Grupo Escoteiro Quênia, um ótimo grupo. Conheci pessoalmente o Diretor Técnico e todos os escotistas atuantes. Jim era bem considerado na tropa e na patrulha Corvo onde era o sub.monitor. A patrulha tinha certo receio dele. Além de literato mostrava ser douto em quase tudo que constava nos livros escoteiros editados em nosso país. Seu pai um importante executivo de uma montadora alemã, em suas viagens ao exterior não se esquecia dele. Comprava todos os livros do gênero que Jim apreciava, principalmente de motes escoteiros.

Jim possuía uma bela biblioteca em sua casa. Muitos dos livros escoteiros que estão no grupo, foram doados por ele. Desculpem. Não escrevi como ele era. Estatura mediana para sua idade, magro, cabelos totalmente loiros, olhos azuis e adorava vestir o uniforme caqui curto, não deixando de lado o chapelão, um legítimo Stetson, comprado pelo pai em Londres, apesar de que sempre apreciei o meu Prada.

Cheguei à sede do grupo naquele sábado já bem tarde. Quase na hora do término da reunião. Ainda encontrei lá o chefe da tropa e o diretor técnico e claro Jim em reunião com sua patrulha, planejando uma atividade de domingo. Jim era afável e cortês. Não era palrador. Portava-se com educação, ouvindo e dando opiniões, mas sem impor. Notei com surpresa que a patrulha agora era mista. Surpresa mesmo. Jim me disse uma vez que era contra.

A reunião de patrulha durou pouco tempo, logo Jim correu para me abraçar e junto a ele uma jovem escoteira, do qual me apresentou dizendo ser sua grande amiga (nada de namoro ele dizia). Era da sua patrulha e seu nome era Natyelle. Ele me convidou a lanchar em sua casa, queria também me apresentar aos seus pais, pois inacreditavelmente eles estavam lá. Eu sempre quis conhecer os pais dele. Aceitei. Na porta da sede, um segurança e um automóvel com motorista já estavam à disposição para nos levar.

Natyelle foi junta. Simpática, de seus 12 para 13 anos, loira, não muito alta para sua idade, mas falava pouco. Respondia mais em monossílabos. Pelos distintivos que usava vi que estava caminhando em passadas largas para conquistar o Liz de Ouro. Era vizinha de Jim, e ambos os pais eram muito amigos. O pai dela era o cônsul holandês na cidade.

Os pais de Jim eram tremendamente simpáticos. Receberam-me muito bem. Fiz com eles um ótimo lanche. Logo se recolheram e ficamos eu Jim e Natyelle conversando na sala, junto com sua avó que quase nunca falava. Ficamos falando até altas horas. Jim me contava seu novo plano. Desta vez iria demorar, pois ele pretendia refazer sua máquina do tempo, que tinha sido avariada na sua última viagem voltando no tempo passado. Não acreditam? Nem eu acreditava até ver Baden Powell em carne e osso no vídeo que Jim me mostrou.

Jim montou um plano mirabolante. Pretendia voltar no tempo e acompanhar uma bandeira, pois tinha lido um livro americano (Brasil) em dois volumes do escritor Errol Lincoln Uys, e ali em várias páginas eram dedicadas aos bandeirantes do século passado. As Bandeiras deram narrativas épicas. Muitos mitos e lendas do desbravamento e conquista do sertão brasileiro. Hoje fazem parte do simbolismo regional. Claro, sempre serão lembrados como responsáveis pela escravidão e dizimação de inúmeras etnias indígenas e pela destruição de muitas missões jesuíticas. Mas ainda são retratados como heróis e portadores de coragem, bravura e espírito aventureiro.

O plano de Jim era encontrar a Bandeira de Fernão Dias Pais Leme, no dia 21 de julho de 1674. Fernão ficou conhecido como o Caçador de Esmeraldas e junto com Antonio Raposo Tavares ficou mundialmente conhecido. Na época pouco se comentava que os bandeirantes entravam pelos sertões de Minas Gerais atrás de ouro, atacavam as aldeias indígenas que encontravam e as destruíam sem piedade. Os índios que conseguissem sobreviver eram escravizados.

Conta à lenda que já conhecedores da fama dos bandeirantes, os índios Puris, ao perceberem a proximidade deles, concentraram-se numa colina, onde se erguia sua árvore sagrada, a Acaiaca. Essa árvore era considerada mãe desse povo. Representando a Vida, dela receberiam as forças necessárias para a luta. Foi sob sua proteção que se refugiaram. Dali eles partiam para atacar de surpresa os bandeirantes, que estavam acampados não muito longe dali.

Depois de um tempo, cansados da situação, os índios decidiram atacar maciçamente no dia seguinte. O cacique Cururupeba ordenou que o ataque somente fosse realizado dali a alguns dias, pois um casamento já havia sido marcado há algum tempo, e ele não queria conturbar os sonhos dos jovens que se casariam. Entre os índios vivia um mestiço chamado Tomás Bueno (seu nome índio era Peropiranga, que quer dizer “branco e vermelho”). Pois bem, Tomás Bueno resolveu trair seus companheiros índios. Procurou os bandeirantes e contou-lhes tudo, inclusive que no dia do casamento os índios se retirariam para a margem do rio, quando a Acaiaca ficaria praticamente desguarnecida.

Os bandeirantes queriam saber qual era o interesse que poderia ter para eles o fato de a árvore estar desguarnecida, e o mameluco explicou-lhes que, entre outras coisas, era ela que mantinha a unidade e a convivência harmoniosa dos índios da tribo. Na noite do casamento, os bandeirantes cortaram a árvore e a incendiaram, depois voltaram ao seu acampamento. Quando os índios chegaram, ficaram indignados, furiosos, e decidiram vingar-se, mas imediatamente começaram a lutar entre si, pelos motivos mais banais.

Quando Tomás, o traidor, contou aos bandeirantes o que estava acontecendo, estes decidiram atacar imediatamente, não encontrando nenhuma resistência. Quando a carnificina acabou, apareceu recortada contra o céu, a figura do pajé, com tanto ódio no rosto que dava medo. Gritou para os bandeirantes: - Por sua ambição destruíram uma tribo, e esta ambição os destruirá também. Nossa deusa lhes dará tanta riqueza, que nem poderão acreditar, começando a destruí-los... Então o que restava da árvore sagrada explodiu, e suas brasas transformaram-se em diamantes.

Assim que perceberam a beleza das pedras iniciou-se a luta para ver quem conseguia pegar mais. A briga tornou-se tão acirrada que não se sabe se alguém sobreviveu. E os efeitos da maldição perduram até hoje, com inúmeras mortes e muitos crimes ocorrerem por conta da ganância... Essa era a parte que Jim e Natyelle queriam ver e se possível estarem presentes. Sim ele pretendia levar a Escoteira na sua grande viagem.

Este era o sonho de Jim. Conhecer a árvore sagrada. Queria ver com seus próprios olhos, como os bandeirantes reagiram com essa famosa lenda. Para ele não era lenda era real. Ele sonhava todas as noites e sempre via na memória, lá dentro escondido, o grito de um sonho: Esmeraldas! Esmeraldas! – Lembrou do tiro seco e surdo, e não houve que não ocorresse. Fernão Dias com seus cabelos brancos, com as longas barbas tombando-lhe emaranhadas pelo peito, parecia transtornado.

Era como se Jim lá estivesse, vendo Fernão gesticulando, falando mostrando as pedras. A Alegria deveria ter sido doida se não entontecedora. Todos examinando, as pedras passando de mão em mão. Todas verdes, cor do mar, brilhantes, fascinantes. Afinal foram sete anos que pareceram séculos! Ele sabia que todos ali à noite não dormiram. E quem dormiu sonhou com uma só coisa, com as esmeraldas, com as pedras verdes...

Foi em março, ao findar das chuvas quase à entrada
Do outono, quando a terra, em sede requeimada,
Bebera longamente as águas da estação,
- Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata
À frente dos peões filhos da rude mata,
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.

Para o norte inclinando a lombada brumosa,
Entre os mateiros jaz a serra misteriosa;
A azul Vupabuçu beija-lhe as verdes faldas,
E águas crespas, galgando abismos e barrancos
Atulhados de prata, umedecem-lhe os flancos
Em cujos socavões dormem as esmeraldas.

O caçador de esmeraldas
Olavo Bilac – 1865-1918

Capítulo II

Ficamos ali conversando até altas horas da noite. Jim e Natyelle riam e já sonhavam com aquela grande aventura. Fui embora. Minha mente estava voltada para esta extraordinária aventura que Jim e sua amiga iriam realizar. Duvidas? Eu não tinha. Conhecia Jim os suficientes para saber que ele era um Escoteiro aventureiro e agora mais ainda com outra jovem que sonhava como ele. Ambos sabiam que iriam encarar de frente os perigos, e isto iria fazer parte de suas vidas para sempre.

Retornei a minha cidade duas semanas depois. Passaram meses, não sei quantos. Minha empresa me pediu que fosse novamente fazer uma inspeção nas máquinas que eu havia montado para a usina de beneficiamento de leite e me lembrei de Jim. Que será que houve? Consegui voltar no tempo? A dúvida me assaltava.

Tirei uma folga no sábado, e lá fui de novo ao Grupo de Jim. O 847° Grupo Escoteiro Quênia. Alí me achava em casa. Muitos amigos, e olhe percorro este Brasil de norte a sul, tinha visto centenas de grupos, mas ali a amizade sobrepunha a fraternidade por nós tão apregoada. Não vi a tropa reunida. O Diretor Técnico me informou que todos eles tinham ido a um cinema em um shopping próximo, assistir um filme sobre os bandeirantes (sabia que era idéia de Jim) e só voltariam ao escurecer.

Não tinha nada a fazer e esperei a chegada deles. Aproveitei para oferecer ajuda a Akelá, claro se ela quisesse algum jogo novo para a Alcatéia. Brinquei com os lobinhos fazendo o cardume dos lambaris e a ira do morcego. Eles que não conheciam se divertiram a valer. A tropa chegou por volta de 19 h. Depois do debandar, Jim correu ao meu encontro. Seu rosto transfigurava felicidade. – Chefe, consegui! Foi fenomenal. Mas olhe foi uma aventura e tanto. Natyelle se divertiu muito e passamos grandes apertos. Ela foi presa e levada pelos índios Parecis, mas vamos à minha casa. Lá depois de um gostoso lanche vou contar tudo que aconteceu.

Os pais de Jim estavam viajando (como sempre), a sua Avó como já disse quase não falava. Senti falta de Natyelle. Jim me disse que ela estava em sua casa com uma forte gripe. Perguntei a ele porque não íamos até lá e cumprimentá-la? Ele achou boa ideia e lá fomos nós. Os pais de Natyelle nos receberam muito bem. Ela estava na sala e deu um enorme sorriso quando nos viu. Ficamos ali conversando por um bom tempo. Achei que a viagem no tempo fez bem a ela. Estava mais solta, mais alegre e parola.

Alí mesmo Jim começou a narrar seus feitos. Ele pediu aos pais de Natyelle se ela poderia ficar dois fins de semana no haras que seu pai matinha fora da cidade. Sabia que o conserto de sua máquina não levaria muitos dias. Já tinha tudo planejado, me explicou como ela funcionava. Para ele muito simples para mim, grego. – Tome como exemplo o buraco de minhoca. Ele é formado por duas extremidades, como se fosse uma minhoca só que oco. Consegui deslocar uma das extremidades do buraco até as proximidades de um objeto bastante denso, como um campo gravitacional muito forte, e como se fosse uma estrela de nêutrons. A gravidade intensa fez com que o tempo corresse mais devagar nessa extremidade.

Não estava entendendo bulhufas. Jim riu e continuou – Como a outra extremidade está localizada no espaço vazio, o tempo aí corre normalmente, ou seja, mais depressa que na extremidade junto à estrela de nêutrons. Dessa forma, os dois extremos do buraco de minhoca ficam separados não só no espaço, mas também no tempo. Isto configuraria uma viagem no tempo para uma nave que entrasse no buraco. A diferença de tempo entre uma extremidade colocada na estrela de nêutrons seria de cem anos no futuro, pois o tempo corre mais devagar na extremidade. No espaço vazio. Fiz o contrário, voltamos no tempo.

Considerava-me suficientemente maduro para não desmerecer essa teoria de Jim. Deixei que ele continuasse. Mas não entendia nada. Nada mesmo. - Em dois fins de semana, a máquina ficou pronta, continuou. Expliquei todos os detalhes a Natyelle para em caso de pane ela saber como voltar para casa. Pelos meus cálculos iríamos ficar por lá menos de cinco horas. Portanto combinamos de levar o excencial. Iríamos uniformizados. Assim eles não iriam nos entender, achando que poderíamos ser filhos de franceses que por ali passavam.

No domingo pela manhã, entramos na máquina do tempo. Pequena, não mais que um metro e vinte por 50 centímetros. Eu e Natyelle ficávamos bem apertados. Não quis aumentar, pois ela seria controlada a distância pelo tempo que lá permanecêssemos. Um sistema tridimensional seria utilizado, por um anel que eu e Natyelle possuíamos. Ele inclusive nos ajudaria em contatos caso nem tudo desse certo e fôssemos separados um do outro.

Expliquei a Natyelle que essas viagens são super perigosas. Só podemos ser observadores e não podemos mudar nada e nem tocar em nada. Se o fizemos poderíamos ser desintegrados na viagem de volta, pois todo o destino do mundo seria mudado. Não teríamos existência na nossa época. A viagem foi rápida. Coloquei no sistema um relógio atômico de alta precisão (feito de cristal quartzo. Sua frequência não era mais que um

oscilador acoplado com um condensador, e vibrações de partículas minúsculas das moléculas dos átomos). Programei o dia vinte e um de julho de 1674 às nove horas da manhã. Local: Serra da Mantiqueira, divisa de São Paulo com Minas Gerais.

Eu me divertia com a narrativa de Jim. Quem não o conhece, acharia que ele tinha uma imaginação superior a muitos escritores de ficção científica que proliferam por aí. Ele era metódico na sua explicação e Natyelle acompanhava como se recordasse da maior aventura de sua vida. – Chefe, continuou. Descemos num pequeno trecho e mantive a máquina do tempo a 8.000 metros de altitude, para não ser vista, pois naquela época isto seria um acontecimento fantástico para quem a visse.

Já bem à frente, avistamos o acampamento dos bandeirantes. Entramos pisando firme. Todos nos olhavam abismados, pois não entendiam nossa vestimenta, ambos de caqui, eu de chapelão e Natyelle com uma boina azul. Começaram a rir e um deles nos convidou a ir à barraca onde estaria Fernão Dias Pais Leme. Ele nem nos olhou, conversava com vários amigos e dizia rindo desbragadamente – Traga seus burros Olímpio Ramalho. Pela graça de Deus haverá prata e esmeraldas suficientes para você. Olímpio riu e os demais o imitaram. Eles amigos não queriam participar das bandeiras, e eu dei a eles a esperança de se unirem a nós. Poderiam ficar riquíssimos e eu tinha certeza absoluta que iríamos encontrar as esmeraldas.

Fernão deu uma parada, virou para mim e perguntou – Quem diabo é você menino? Calmamente respondi que era filho de franceses, que tinham passado por ali e nos perdemos. Pedi se ele deixaria seguir com eles, pois precisamos encontrar nossos pais. Ele não disse nada. Só balançou a cabeça concordando. Um dos seus nos levou para fora da barraca e nos mostrou outra onde vários meninos e meninas estavam.

Gevildo tinha mais ou menos a minha idade. Muito vivo, e logo fizemos amizade. Ele sempre olhava para Natyelle com um olhar de menino apaixonado. Natyelle nada dizia. Gevildo nos contou como foi parar ali. Seu pai morava em São Paulo e sua mãe havia falecido. Ele não podia ficar lá já que seu pai iria participar da bandeira. Ele dizia a todos os amigos que não poderia ficar fora. Aquela seria considerada a maior de todas as bandeiras até então organizadas.

Ficamos sabendo que tinham partido de São Paulo cinco semanas antes com mais de 3.000 participantes. Isto sem contar os índios aprisionados no caminho. Antes da partida assistiram a missa celebrada pelo frei Bartolomei. Israel amigo de Fernão proferiu palavras inspiradas aos

aventureiros devotados. Como era verdadeiramente infinito o mundo do sertão disse. Iremos Viajar por elevações húmidas azul-cinzentas, o inferno seco e causticante da caatinga, vales férteis, gramados solitários ao norte, rios serpenteando através das florestas sem fim.

A noite chegou brava. Uma chuva torrencial caiu sobre o acampamento. Encontramos um canto seco na barraca e ali dormimos. Não tínhamos travesseiros, cobertores mantas, nada. Não precisávamos. Éramos escoteiros, acostumados a dormir sob as estrelas. O dia amanheceu lindo. A ordem de levantar acampamento correu de boca em boca. Durante os 12 dias que se seguiram (para nós era questão de minutos no tempo) descemos a serra da Mantiqueira e tomamos a direção nordeste, uma trilha que nos levou até o coração de uma região montanhosa.

Comíamos com alguns mamelucos, que gentilmente nos ofereçam seu bernal, e acostumamos a comer o que nos davam. Passamos pela serra do Espinhaço, um cinturão de escarpas e montanhas com largura de cinquenta a duzentos e quarenta quilômetros. Vi que ali se separava as cabeceiras do baixo rio São Francisco, cujas águas corriam até o norte de Pernambuco. Soube que Fernão procurava o caminho para encontrar o “Paraupava”, lendário lago de ouro entre as montanhas. Claro poucos acreditavam. Muitos tentaram e todas tentativas se mostram falsas.

Sempre que tinha oportunidade, corria a frente para ficar junto a Fernão. Ele era soberbo, grandes barbas brancas, cabelos brancos lisos, pele curtida de sol, um verdadeiro gigante que nada e ninguém o assombravam. Ele acreditava nas esmeraldas. Tinha visto os Parecis e os Tupiniquins e muitas outras tribos com batoques inseridos nos orifícios dos lábios e faces. Todos eles reverenciavam as pedras verdes. Eram seus amuletos. Deus não poderia o abandonar agora dizia para todos. Ele tinha certeza que seria recompensado com esmeraldas dignas de uma coroa para o próprio bom Jesus.

A história de Jim era magnífica. Maravilhosa porque não dizer. Estava hipnotizado pelo relato de Jim. Mas a hora avançava. Passava da uma da manhã. Não podia continuar. Disse a Jim se poderíamos encontrar no domingo. Poderia ir a casa dele ou mesmo na casa de Natyelle. Precisava saber o final. Claro, conhecia bem as lendas de Fernão Dias Pais Leme, o Caçador de Esmeraldas. Mas a narração de Jim era ao mesmo tempo apaixonante e fascinante.

Ficamos então combinados para as duas da tarde na casa de Jim. Fui para o hotel com a cabeça a mil. Que historia, que conto, esta seria uma das

minhas melhores histórias que poderia conhecer e publicar no meu blog. Sabia que ia atingir meu público jovem Escoteiro de uma maneira nunca antes atingida. Meus pensamentos se fundiam. Que história! Incrível mesmo. Acreditar? Ninguém iria acreditar. Eu? Não sei. As provas Jim sempre me forneceu. Por duas vezes estava acompanhado. Mentiras de todos? Claro que não. Sabia que eles preservavam a honra escoteira acima de tudo. Sabiam que o Escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais que sua própria vida.

Eu sabia que um Escoteiro defende sua honra a qualquer hora. Mesmo sabendo que um dia poderão fazer dele um mentiroso, mas ele sabe que nunca irá faltar com sua palavra. Ele o Escoteiro sabe que bem materiais às vezes todos têm. Mas a dignidade, sua honra é tudo que ele tem. Ela mostra o que ele é de verdade. Portanto eu acreditava em Jim. Sabia que ele não estava mentindo. Jim para mim era mais que tudo isso, um dos maiores Escoteiros que conheci em toda a minha vida.

Bandeirantes, estes intrépidos heróis que marcaram uma época.

Nos pés descalços dos indígenas do cacique Tibiriçá e do patriarca João Ramalho, de Bartira e de seus descendentes que por aqui viviam em busca do seu bem-estar, pescando, caçando e plantando;

- Nas sandálias dos primeiros jesuítas, que a consciência humana e o bem-estar das pessoas cultivavam, a educação ministravam e valores superiores do cristianismo e da civilização pregavam;
- Nas mãos calejadas e no suor dos primeiros desbravadores anônimos, brancos, índios e negros, que plantavam e cultivavam nestas terras seus alimentos, trazendo o desenvolvimento;
- Nas botinas amarelas dos intrépidos Bandeirantes, que desbravaram o nosso território, defenderam-no e ampliaram-no, criando as bases deste país continental;
- Nos cascos das tropas e nos pés descalços dos ágeis tropeiros, de vidas precárias, que o progresso transportavam e novas informações veiculavam;

A história do Brasil passou por aqui,

- Na voz firme e decidida de regente Diogo Antônio Feijó, defendendo e construindo a dignidade da nação;

Capítulo III

O domingo amanheceu lindo. Um sol maravilhoso, e até abusei da cama. Dormi até nove da manhã. Um bom banho, um pequeno desjejum, um lauto almoço e lá estava eu pronto para ir à casa de Jim e ouvir dele a continuação do relato, relato este que me fez pensar toda a noite. História esplêndida, sensacional mesmo. Não tinha nenhuma dúvida. Jim relatava a verdade. Ele era um dos poucos escoteiros que vivem o escotismo em sua plenitude. Agora mais ainda. Encontrou uma jovem que pensava como ele. Não sabia tudo o que aconteceu, mas pelo sorriso dela, acreditava que ela viveu tudo aquilo que passou com ele.

Às duas horas em ponto, meu taxi parou em frente à mansão de Jim. O portão se abriu automaticamente. Já me esperavam. Jim veio ao meu encontro sorridente e me abraçando. Estava começando a gostar mais e mais daquele menino. Gosto de escotismo. Sinto-me bem nele. E adoro todos os membros do movimento que se portam como verdadeiros cavaleiros andantes, a semearem o bem para os outros e para si próprio, na trilha da aventura de grandes realizações escoteiras.

Entramos e a Avó de Jim nos serviu um chá, acompanhado de biscoitos importados da Inglaterra. Eu estava ansioso, e Jim calmo, deglutia com um sabor todo especial os biscoitos. A campainha tocou e o mordomo fez entrar Natyelle, sorridente. Foi logo me cumprimentando. Jim me convidou para conversarmos na varanda, no terceiro andar, onde uma linda vista nos esperava e pensei como seria um por do sol visto dali?

Jim deu início a narrativa, e sua maneira peculiar de narrar, era de uma extrema sinceridade. – Olhe chefe, disse, eu já estava ficando cansado. Muito. Vi que Natyelle também estava. Doze dias de marcha e olhe que eles já estavam na estrada há mais de cinco meses. Eu sabia que em breve chegaríamos onde residiam os Puris, tribo que a lenda destacou como a que dizimou a bandeira. Queria muito conhecer a árvore Acaiaca, seu tamanho se era frondosa ou não e o que chamava tanto a atenção dos indígenas para considerem-na uma divindade.

Sempre à noite, os homens mais chegados a Fernão, se reuniam em volta do fogo, e contavam histórias fantásticas. Eu gostava de ficar ali, com Natyelle, ouvindo a narrativa deles, suas façanhas, suas aventuras. Fernão dias quase não falava. De súbito, apareceu um homem maltrapilho, cujo nome não entendi, descalço, tinha saído de trás da floresta e dizendo que procurava sem sucesso, o desaparecimento de sete mulas que haviam

fugido. Pediu para ser aceito na bandeira, e Fernão coçou a barba, baixou a cabeça e olhando o estranho disse: - Você será mais útil, voltando para sua casa. – Mas eu vim para ajudá-lo encontrar as esmeraldas senhor!

A fogueira brilhava no acampamento. Todos ficaram mudos. A fama de Fernão havia se espalhado. Ele continuou – Senhor! Vos com seus cavaleiros errantes do sertão, acham-se próximo ao portão do paraíso. Estão destinados a encontrar uma grande fortuna. Um tesouro que restauraria as glórias de todos os bandeirantes que não conseguiram encontrar as esmeraldas, junto ao grande lago, o Paraupava. Estavam mudos e logo começaram a conversar entre si. Quem era esse homem que tanto sabia? Fernão desconfiou. Pensou em mandar enforcá-lo na árvore mais próxima, mas não. Deixou que ele ficasse sob os cuidados do Capitão-major Amador Flores.

Fui dormir pensativo. Comentei com Natyelle e ela também ficou pensativa. Tínhamos feito diversas pesquisas da bandeira de Fernão Dias e nunca foi tocado na figura deste ermitão, que aparece a noite sabendo de tudo.

Os vales do Rio Doce e os rios que desembocavam no Atlântico abaixo de Porto Seguro já haviam servido de rotas a muitas bandeiras. Mas foi para lá que de novo Fernão resolveu aventurar. O lendário lago do ouro estava em sua mente e de forma nenhuma ele iria deixar de vasculhar área por área.

Pela manhã, meu corpo doía horrivelmente. Tive medo. Achei que podia ter apanhado malária, mas não tinha lido nada a respeito dela ali naquela região. Devia ter me vacinado. Ainda bem que Natyelle não sentia nada. Enquanto à tardinha deram uma parada próximo a um rio, onde todos se divertiam nadando e brincando como garotos, dei uma escapulida e fui com Natyelle atrás de um morro onde manobrei a máquina do tempo até nós. Eu tinha lá um bom estoque de pílulas e até uma que me disseram ser da última geração contra malária. Chamava-se ASAQ, uma pílula que combina artemisina e uma substância vindo da China. Tomei logo duas.

Colocamos de novo a nave no espaço e voltamos ao acampamento. No decimo quinto dia fiquei sabendo que já estávamos nas terras dos índios Puris. Não se avistava ninguém. Somente os batedores sabiam disso. Era minha vez. Precisava encontrar a árvore sagrada. A Acaiaca. Era ela meu destino final. Deixei a bandeira e junto a Natyelle subimos uma colina, e nada. Outra colina e nada. Cinco índios apareceram. Armados de arco e flecha, alguns portando tacapes e pintados para a guerra nos cercaram. Não entendia nada do que diziam. Apontavam-nos e riam, alguns deitavam no

chão de tanto rir. Gostaram do nosso uniforme Escoteiro. Rimos também. Eles correram. Sumiram.

Chamei Natyelle e corremos atrás deles. Paramos logo. Avistamos uma bela aldeia. E mais acima em uma colina, uma árvore descomunal. Arrebatadora! Magnífica! Linda, Verde, frondosa, enorme mesmo. Acho que tinha mais de 800 metros de altura. Incrível nunca tinha ouvido falar de tal árvore no Brasil. As sequóias-gigante, a maior árvore do mundo e conhecida como a mais antiga somente em dois casos ultrapassaram os 715 metros de altura. Demos a volta na aldeia e chegamos à árvore. Que sombra, acho que se tivesse ali 100 homens de mãos dadas não conseguiriam dar a volta em seu tronco.

Ouvimos uma barulheira infernal. Os índios subiam a colina cantando e gritando. Escondemo-nos em um matagal próximo. Estava chegando a hora do “grand finale”. Já tinha combinado com Natyelle que não iríamos ficar ali para ver a carnificina. Nem a derrocada da maior das bandeiras. Sabia que ela se destruiria pelo poder da riqueza e da paixão. Não seria um bom espetáculo para ela e nem para mim. Os índios chegaram e um deles vestido de toga e um osso de cabeça de anta por cima de sua cabeça, gesticulava, subia as mãos para o céu, tocava a árvore, e voltava para o seu povo como se tivesse invocando o espírito do mal.

Não podíamos fazer nada. Não podíamos mudar a história. Ela era imutável. O que tinha de ser seria. Os índios desceram em direção ao rio. Já íamos embora quando vimos no tronco, algum que brilhava. De cor azul, lá estava um diamante de grandes proporções. Quase o tamanho de um ovo comum. Não sei por que, em vez de ir embora, resolvi pegar o diamante. Ele era dos índios, mas era fascinante tê-lo nas mãos. Natyelle também o pegou e ficou fascinada. Sentimos o corpo ficar entorpecido. Era como se estivéssemos flutuando no ar.

Jim e Natyele agora contavam com os olhos tremendo, acho que o medo que passaram foi grande demais. Natyelle estava branca. Disse ao Jim que ele deveria parar. Ele disse que não. Eu devia conhecer toda a história. Usei o velho truque de mudar de assunto e de lugar. Disse para darmos uma pausa e pedi que ele me mostrasse o jardim de sua mansão. Descemos a escada sorrindo. Flores são sempre um bálsamo para os olhos e a mente. Todos querem o perfume das flores, mas poucos sujam as suas mãos para cultivá-las.

Como disse a poetisa Cora Coralina, a vida é boa quando fazemos a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores. –

Enquanto andávamos Jim continuou. Levei um tremendo susto. Um índio pegou Natyelle e saiu em desabalada carreira até seu acampamento. Não corri atrás. Miúdo como sou não podia competir em força e agilidade com ele. Sabia que minha astúcia era maior. Esperei anoitecer.

Desci a máquina do tempo, e fui com ela até o acampamento dos índios. Deixei todas as luzes piscando e liguei o ar que fazia um tremendo barulho. Desci no meio do acampamento. Foi o maior susto, eles que dançavam em volta da fogueira, correram todos. Desci da máquina e custei a encontrar Natyelle desmaiada em uma cabana enorme, onde várias índias tremiam a me ver e se prostraram no chão.

Entramos na máquina do tempo, acertei o relógio atômico e partimos de volta ao presente. Em questão de minutos chegamos. Ao descer no haras, não vi ninguém por perto. O relógio marcava 12 h do dia 21 de abril do ano de 2140. Impossível. Avançamos no tempo. O que houve? O que fazer? Regulei novamente o relógio. Nova partida. Chegamos de novo no haras. Meu medo era enorme. E se ficássemos aqui e ali vagueando pelo espaço do passado ao futuro?

Mas não, graças a Deus agora era o ano da graça de Nosso Senhor. 21 de julho de 2.010, hora de Brasília, 17 h. São e salvos. Levei a máquina para o porão onde tinha minha oficina. Liguei para um segurança e retornamos a minha casa. – E o diamante perguntei. O diamante? Ora chefe, segredos do ofício, está em local incerto e não sabido. Jim olhou para Natyelle e sorriram como cúmplices de um grande segredo que nunca e em tempo algum seria contado. Afinal meu querido amigo ele é um diamante sinistro e ninguém deve tocá-lo.

Chamei um taxi pensativo. Teriam eles trazido consigo o diamante? Se assim o fosse a história não deveria ter sido mudada? Local incerto e não sabido. Bah! Um dia Jim ou Natyelle me contariam a verdade. A história não mudou. Fernão Dias Pais Leme nunca encontrou as esmeraldas. Partiu realmente em julho de 1674 de São Paulo à frente da bandeira das esmeraldas, da qual faziam parte o genro Manuel da Borba Gato e os filhos Garcia Rodrigues Pais e José Dias Pais.

Este último conspira contra o pai, que manda enforcá-lo como exemplo. A expedição alcança o norte de Minas Gerais, e por mais de sete anos o bandeirante explora os vales dos rios das Mortes, Paraopeba, das Velhas, Araçuaí e Jequitinhonha. Encontra turmalinas, que pela cor verde confunde com esmeraldas. Morre de malária, ao retornar a São Paulo.

Histórias são histórias. Contadas por um Escoteiro e por uma Escoteira tem uma sabor todo especial. Jim estará sempre gravado em letras azuis no fundo do meu coração. Um lugar também tem lá Natyelle. Aprendi a admirá-los. O escotismo deixa saudades para quem fica e para quem vai. Vale a pena viver plenamente suas grandes aventuras, sejam elas como as de Jim e Natyelle, sejam elas em um simples acampamento de verão. Não importa. Importa sim seus sonhos, os sonhos de todos, e eles podem ser simples, pois o importante é viver.

Grandes aventuras são as suas, aquelas que você viveu e vai viver em muitos e muitos acampamentos e atividades aventureiras. Um dia, quando for lembrar, verá que o sonho se concretizou. Ele é seu. Somente seu. Ficará marcado para sempre em sua lembrança. Saímos pelo mundo em busca de nossos sonhos e ideais. Muitas vezes colocamos nos lugares inacessíveis o que está ao alcance das mãos. “O futuro, pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.”

Mais além, por detrás das broncas serranias
Na cerrada região das florestas sombrias,
Cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós,
Açastrava, o céu léguas de rama escura;
Só corria a anta leve e uivava a onça feroz;

Além da áspera brenha onde as tribos errantes
A'sombra maternal das árvores gigantes
Acampavam; além das sossegadas águas
Das lagoas, dormindo entre aningaes floridos;
Dos rios, acachoando em quedas e bramidos,
Mordendo os alcantis, roncando pelas fraguas;

- Ahi, não ia ecoar o estrupido da luta...
E, no seio nutriz da natureza bruta.
Resguardava o pudor teu verde coração!
Ah! Quem te viu assim, entre as selvas sonhando,
Quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando
Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!

O caçador de esmeraldas
Olavo Bilac – 1865-1918

FILM